



STVDIA LUSITANA

4

Ciudad y foro en Lusitania Romana ***Cidade e foro na Lusitânia Romana***

T. Nogales Basarrate (Ed.)



Ciudad y foro en Lusitania Romana
Cidade e foro na Lusitânia Romana

T. Nogales Basarrate (Ed.)

Studia Lusitana

1. M.P. REIS

Las termas y balnea romanos de Lusitania
Mérida, 2004

2. L.J. RODRIGUES GONÇALVES

Escultura romana em Portugal. Uma arte do quotidiano
Mérida, 2007

3. F. TEICHNER

Entre tierra y mar / Zwischen Land und Meer
Mérida, 2008

4. T. NOGALES BASARRATE (ED.)

Ciudad y foro en Lusitania Romana / Cidade e foro na Lusitânia Romana
Mérida, 2009

5. J. DE ALARCÃO; P.C. CARVALHO; A. GONÇALVES (COORD.)

Castelo da Lousa. Intervenções Arqueológicas de 1997 a 2002
Mérida, 2010

6. V. GIL MANTAS

Vías romanas de Lusitania
(en preparación)

7. A. DE MAN

Defesas Urbanas Tardias da Lusitânia
(en preparación)

Ficha técnica

Coordinación: María José Pérez del Castillo y Eugenia López González

Diseño: Ceferino López

El texto y las opiniones de este volumen son responsabilidad de los autores.

Esta publicación se intercambia por otras similares de todos los países con el fin de potenciar la Biblioteca del Museo Nacional de Arte Romano de Mérida.

Para intercambios y suscripciones:

Museo Nacional de Arte Romano
C/ José Ramón Mérida, s/n
06800 Mérida (Badajoz) España
mnar@mcu.es

Pedido de libros:

Asociación Amigos del Museo:
C/ José Ramón Mérida, s/n
06800 Mérida (Badajoz) España
tienda@amigosmuseoromano.org
y a través de: <http://museoarteromano.mcu.es/>

Adquisiciones:

Pórtico Librerías, S.A.
Muñoz Seca, 6
50005 Zaragoza - España
www.porticolibrerias.es

ISBN: 978-84-613-4193-1

Depósito legal: BA-381-2010

Maquetación e Impresión: Artes Gráficas Rejas (Mérida)



JUNTA DE EXTREMADURA
Vicepresidencia Segunda, Consejería de Economía,
Comercio e Innovación
Dirección General de Universidad y Tecnología

Proyecto 3PR05B003

Lusitania romana: investigación para la difusión del pasado cultural del occidente de la Península Ibérica.

Vicepresidencia Segunda y Consejería de Economía, Comercio e Innovación de la Junta de Extremadura.

Proyecto PRI06B286

Foros Romanos de Extremadura. Análisis y Difusión del Patrimonio Extremeño.

Vicepresidencia Segunda y Consejería de Economía, Comercio e Innovación de la Junta de Extremadura.

Proyecto PRI09A140

Arte Romano en Extremadura I. Creación de modelos en el occidente hispano.

Vicepresidencia Segunda y Consejería de Economía, Comercio e Innovación de la Junta de Extremadura.

DIRECCIÓN CIENTÍFICA:

PROF. DR. JORGE ALARCÃO
Catedrático de Arqueología
Universidade de Coimbra

PROF. DRA. TRINIDAD NOGALES BASARRATE
Departamento de Investigación
Museo Nacional de Arte Romano

COMITÉ CIENTÍFICO:

PROF. DR. JOSÉ M^a ÁLVAREZ MARTÍNEZ
Director del Museo Nacional de Arte Romano

DR. JOSÉ LUIS DE LA BARRERA
Conservador del Museo Nacional de Arte Romano

PROF. DR. ENRIQUE CERRILLO
Departamento de Arqueología
Universidade de Extremadura

PROF. DR. JONATHAN EDMONDSON
Departamento de Historia
Universidade de York (Canadá)

PROF. DR. JOSÉ D'ENCARNAÇÃO
Director del Instituto de Arqueología
Universidade de Coimbra

PROF. DR. CARLOS FABIÃO
Departamento de Arqueología
Universidade de Lisboa

PROF. DR. JEAN-GÉRARD GORGES
C.N.R.S. Universidade de Toulouse II
Ex director-adjunto de la Casa de Velázquez

DR. VIRGILIO HIPÓLITO CORREIA
Director del Museo Monográfico de Conimbriga

PROF. DR. PATRICK LE ROUX
Departamento de Historia
Universidade de París XIII

D. MIGUEL ALBA CALZADO
Director Científico del Consorcio de
la Ciudad Monumental Histórico-
Artística y Arqueológica de Mérida

PROF. DR. MANUEL SALINAS DE FRÍAS
Departamento de Historia Antigua
Universidade de Salamanca

PROF. DR. THOMAS SCHATTNER
Subdirector del Instituto Arqueológico
Alemania de Madrid

PROF. DR. WALTER TRILLMICH
Antiguo Director del Instituto
Arqueológico Alemania de Berlín

Índice

- 9 Apresentação.
- 11 *Laudes Urbium Lusitaniae*.
SANTIAGO LÓPEZ MOREDA
- 27 Algumas observações nas construções do foro de *Ebora Liberalitas Iulia*.
THEODOR HAUSCHILD
- 37 Esculturas do fórum de *Ebora*: programa iconográfico.
LUÍS JORGE GONÇALVES y PANAGIOTIS SARANTOPOULOS
- 47 Os *fora* de Bobadela (Oliveira do Hospital) e da *Civitas Cobelcorum*
(Figueira de Castelo Rodrigo).
MARIA HELENA SIMÕES FRADE
- 69 Caminhando em redor do *forum* de *Aeminium* (Coimbra, Portugal).
PEDRO C. CARVALHO, DINA CUSTÓDIO MATIAS, ANA PAULA RAMOS ALMEIDA,
CARLA ALEGRIA RIBEIRO, FERNANDO PEREIRA DOS SANTOS y RICARDO COSTEIRA
DA SILVA
- 89 O *forum* de Conimbriga e a evolução do centro urbano.
VIRGÍLIO HIPÓLITO CORREIA
- 107 *Collippo*: análise dos espaços públicos.
JOÃO PEDRO BERNARDES
- 121 Das Inscrições em Foros de Cidades do Ocidente Lusitano-Romano.
JOSE D´ ENCARNAÇÃO
- 127 El foro de *Capara*.
ENRIQUE CERRILLO MARTÍN DE CACERES
- 137 Un posible complejo forense de la *colonia Norbensis Caesarina*.
ENRIQUE CERRILLO MARTÍN DE CACERES y TRINIDAD NOGALES BASARRATE
- 167 *Ammaia* e *Civitas Igaeditanorum*. Dois espaços forenses lusitanos.
VASCO GIL MANTAS

- 189 O recinto Forense de *Pax Iulia* (Beja).
MARIA DA CONCEIÇÃO LOPES
- 201 Caracterização Geral de Miróbriga.
MARIA FILOMENA BARATA
- 231 Foros de *Augusta Emerita*. Modelos en *Lusitania*.
TRINIDAD NOGALES BASARRATE y JOSÉ MARÍA ÁLVAREZ
- 261 El urbanismo del conjunto provincial de culto imperial y del foro de *Augusta Emerita*.
ROCÍO AYERBE, TERESA BARRIENTOS, PEDRO MATEOS, FÉLIX PALMA y ANTONIO PIZZO
- 273 *Agrippina* y la *Concordia Augusti*. Elementos para la interpretación del “foro provincial” de la *Colonia Augusta Emerita*.
NICOLE RÖRING y WALTER TRILLMICH
- 285 Tanques, fontes e espelhos de água nos *fora* lusitanos.
MARIA PILAR REIS
- 315 Elementos para o estudo dos *fora* das cidades do norte da Lusitânia.
JOÃO L. INÊS VAZ
- 325 O *Forum* de *Seilium/Sellium* (Tomar).
SALETE DA PONTE
- 333 El foro y el templo de *Lancia Oppidana*: nueva interpretación de *Centum Celas* (Belmonte).
AMÍLCAR GUERRA y THOMAS G. SCHATTNER
- 343 Modelos forenses nas cidades da *Lusitania*: balanço e perspectiva.
CARLOS FABIÃO
- 361 Listado de Autores.

O *forum* de Conimbriga e a evolução do centro urbano

Virgílio Hipólito Correia
Museu Monográfico de Conimbriga

RESUMO

O fórum da cidade romana de Conimbriga foi localizado durante as escavações arqueológicas que decorreram entre 1964 e 1971, que identificaram as estruturas de um grande monumento de época flaviana e, sob estas, os restos de construções pertencentes a uma fase anterior que compunham todavia um programa arquitectónico completamente distinto.

A presente análise vai centrar-se no santuário de culto imperial da época flaviana, na sua função urbana e na evolução interna do monumento, como forma de abordar algumas realidades sócio-políticas da vida da *civitas* ao longo dos séc.s II a IV.

PALAVRAS CHAVE: Conimbriga; Lusitania; *forum*; época Flávia; culto de Marte *Augustus*.

SUMMARY

The *forum* of the roman town of Conimbriga was located in archaeological excavations carried out between 1964 and 1971, which identified the structures of a large monument of flavian date and, under these, the remains of other constructions belonging to an earlier phase that composed a distinct architectonic programme.

This present analysis will be centered on the imperial sanctuary of flavian date, on its urban function and on the internal evolution of the monument, as means to approach some social and political realities in the life of the *civitas* during the 2nd to 4th c. AD.

KEY WORDS: Conimbriga; Lusitania; *forum*; Flavian epoch; cult of *Mars Augustus*.

Descrição geral do monumento e das condições da sua descoberta

O fórum da cidade romana de Conimbriga foi localizado durante as escavações arqueológicas que decorreram entre 1964 e 1971, escavações essas levadas a cabo por uma equipa luso-francesa que envolveu o Museu Monográfico de Conimbriga o Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e a Universidade de Bordéus através da Mission Archéologique Française au Portugal (Alarcão e Etienne 1977).

As escavações identificaram as estruturas de um grande monumento de época flaviana (**fig. 1**) e, sob estas, os restos de construções pertencentes a uma fase anterior que, coincidindo na localização de alguns elementos (como por exemplo a praça central), compunham todavia um programa arquitectónico completamente distinto.

A sobrevivência das estruturas do fórum viu-se, ao longo dos tempos, afectada por severos problemas: em primeiro lugar o abandono a que as construções romanas pagãs se viram votadas com o advento do cristianismo; a ruína do fórum conduziu, alguns séculos mais tarde, à utilização do local como cemitério, o que contribui para a degradação dos vestígios já parcialmente soterrados; por último, depois das severas destruições já provocadas pelos labores agrícolas, o fórum parece ter sido local privilegiado para a recolha de material de construção para as habitações modernas e contemporâneas, fenómeno muito intensificado na sequência do incêndio da vizinha Condeixa-a-Nova pelas tropas do general francês Massena.

O que sabemos, hoje, do fórum de Conimbriga é, portanto, resultado de uma cuidada análise do que se recuperou da planta dos edifícios, dos restos, em muitos casos parcos, do seu aparato construtivo e decorativo, e de importantes estudos e restituições do que seria o seu aspecto original, fruto da reconstituição teórica do módulo arquitec-

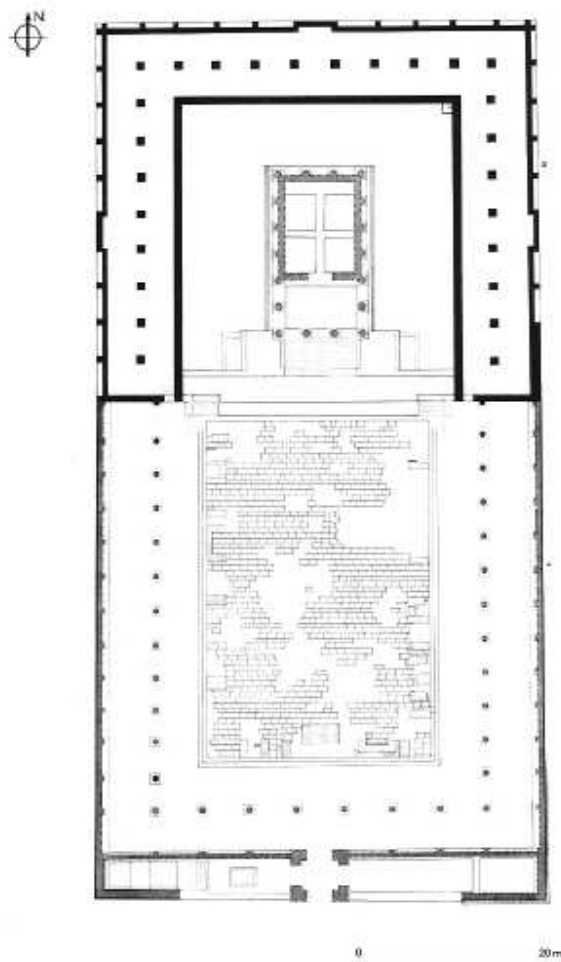


Fig. 1. Planta do fórum flaviano (seg. Alarcão e Etienne 1977).

tónico empregue e da comparação com outros monumentos congêneres, espalhados pelo orbe do antigo Império Romano.

As escavações localizaram também, sob as construções do grande santuário flaviano, os vestígios de um fórum “de modelo republicano”, datável da primeira implantação augustana na cidade e estendendo-se até ao período cláudio-neroniano, que compõe um elemento urbano de características completamente distintas. Distintas e, devido à condição fragmentária da evidência e à dificuldade da reconstituição, de diferenciada aceitação pela comunidade académica (Congés 1987): não vamos aqui, no entanto, retomar a polémica do fórum augustano de Conimbriga (Alarcão et al. 1997), que entretanto se pode dar por esgotada

por carência de mais dados significantes (última revisão em Correia 2004b).

Um problema que subsiste é, todavia, o da substituição das funções forais que o santuário do culto imperial deixa, aparentemente, de cumprir e que se supõe serem deslocalizadas para outro ponto da cidade (basílica, cúria, algum comércio de luxo: também sobre esse ponto - que permite levantar a hipótese de Conimbriga ter, no período flaviano, adoptado o modelo de espaço foral duplicado que se conhecia já nas capitais provinciais – já apresentámos a restituição possível, no actual ponto de avanço da investigação (Correia n.p.).

A nossa análise vai portanto concentrar-se no santuário de culto imperial da época flaviana, na sua função urbana e na evolução interna do monumento, como forma de abordar alguma realidade sócio-políticas que certamente condicionaram a vida da *civitas* ao longo dos séc.s II a IV.

Implantação urbana

O fórum de Conimbriga localiza-se no centro do que foi o espaço urbano da cidade¹, que corresponde também a uma zona ligeiramente mais elevada na rechã que a cidade ocupou desde a sua origem (**fig. 2**). A localização do fórum flaviano foi condicionada pela pré-existência do fórum construído ao longo da primeira metade do século I, que ocupou uma zona central também do ponto de vista dos eixos de circulação do *oppidum* (Correia e Alarcão 2008).

O fórum flaviano foi desenhado como um quarteirão rectangular delimitado por um único muro sem aberturas excepto a entrada monumental; delimitado por quatro ruas: a sua presença era sem dúvida um marco fortíssimo na estrutura urbana da cidade.

Pelas ruas circundantes do fórum passavam todos os eixos significativos da cidade, das suas

entradas para as suas zonas residenciais, a circulação entre os principais monumentos (para além do fórum, o anfiteatro e as grandes termas) também por aí se fazia. Esta situação levou a que à sua volta se criassem pequenas praças, onde se encontravam pequenas fontes públicas, latrinas, etc.

Para as ruas ao redor do fórum convergiam as principais vias estruturantes do centro da cidade, frequentemente porticadas.

Na zona da entrada, a sul, a rua principal da cidade alargava-se numa praça, marcada pela presença do arco quadrifronte que constituía a porta do fórum e pelos templetes laterais.

Método de construção

Em Conimbriga os romanos beneficiaram de um material de construção de qualidade que utilizaram até aos limites das suas possibilidades técnicas: os calcários locais.

Esta pedra é de dois tipos: um tufo calcário de textura irregular, mas adaptado ao corte de grandes blocos - que é a pedra precisamente local – e uma calcário mais denso, naturalmente ocorrente em bancadas que, num raio de poucos quilómetros, se oferece em pedreiras de exploração relativamente fácil e de potencial virtualmente inesgotável.

Os monumentos mais antigos da cidade são sistematicamente construídos em tufo, o que ditou que os reaproveitamentos de material, que foram importantes nos primeiros momentos da obra do fórum, o tenham também utilizado em quantidade. Todavia a maior extensão do fórum utiliza o calcário mais denso, num *opus vittatum* de blocos de dimensão regular (ainda que não exactamente com blocos aparelhados de dimensões estandardizadas). Pelo menos parte do material proveio de pedreiras localizadas sob o que é actualmente a zona norte da aldeia de Condeixa-a-Velha, onde se localizaram elementos de arquitectura inacabados abandonados na pedreira (Reis 2000).

Não estão localizadas as pedreiras de onde se terão extraído capitéis, blocos para entablamen-

¹ A descrição das estruturas do fórum é baseada, para além da observação directa das estruturas, em Alarcão e Etienne 1977. Salvo caso de discordância, complemento ou recurso a outras fontes, essa referência não será repetida.



Fig. 2. Urbanismo flaviano de Conimbriga (seg. Correia e Alarcão 2008).

tos, etc., cujos requisitos técnicos do material seriam mais exigentes, mas a constituição geológica da região oferecia todos os elementos indispensáveis a distâncias modestas.

O fórum utilizava ainda materiais cerâmicos de construção, na cobertura e em algumas colunas que eram construídas em tijolo e depois estucadas (Triães 2003). Conimbriga era um centro florescente da indústria de produção de materiais cerâmicos, utilizando matéria prima local (Correia et al. 2002). Parece credível que o surto de produção “industrial” que a produção de materiais cerâmicos de construção supõe, se tenha em parte devido, precisamente, à significativa encomenda que a construção do fórum (e a restante renovação urbana que a cidade sofreu) constituiu.

Para a decoração e pavimentação do fórum os seus construtores recorreram ainda a materiais importados: mármore verde da Tessália, granito vermelho do Egipto, mas também mármore peninsulares branco e raiado de negro e ardósia do norte de Portugal.

A dinâmica económica gerada pela construção, quer no sentido do dispêndio evergético quer no sentido, economicamente de sentido oposto, de geração de dinâmicas locais próprias, foi indiscutivelmente um dos elementos importantes do impacto urbano do fórum de Conimbriga.

Programa arquitectónico

A intenção do arquitecto flaviano que traduziu a encomenda imperial e dos notáveis da cidade foi construir um recinto sagrado que enquadrasse o templo dedicado ao culto dos imperadores divinizados e da sua família (Alarcão e Etienne 1986).

A existência de um fórum mais antigo, à volta de uma praça central onde já existiam alguns monumentos dedicados às personagens mais importantes da cidade, ditou a conservação deste elemento.

Todavia, as restantes construções (e as suas finalidades) foram deslocadas para o que se imagina

que tenha sido um outro fórum, de uso estritamente municipal, cuja localização na cidade pode ser proposta com alguma exactidão (Correia n.p.).

O elemento essencial do fórum era, portanto, o templo e a praça frente a ele, que se rodearam de pórticos que, para além de abrigar os frequentadores dos rigores do clima, tinham também a missão de dar a estes elementos aquela *scaenographia*, que para Vitrúvio se obtinha mediante a meditação – o esforço feito pelo espírito para obter o prazer de ser bem sucedido na pesquisa de alguma coisa – e a invenção – que é o esforço do mesmo espírito para dar uma explicação nova a assuntos obscuros (Vitrúvio I.2, 2, Etienne 2003).

O produto desta empresa intelectual em Conimbriga foi a redução de todo o programa arquitectónico do fórum a um desenvolvimento geométrico, baseado em triângulos pitagóricos, a partir de um módulo de dez pés romanos, equivalente a 2,96m (fig. 3).

O fórum mede 15,5 módulos de comprimento por 8 de largo. Do comprimento, 7 módulos são reservados à zona do templo, a praça ocupa o resto. O templo teria uma altura equivalente a três módulos: sobre uma largura de oito módulos, a zona central do alçado do fórum era desenhado sobre dois triângulos rectângulos correspondentes à proporção pitagórica de 3/4/5. Este esquema simples permitiu o desenho de todas as principais linhas construtivas, o que só pode ter contribuído para o efeito plástico produzido sobre quem entrava no recinto (figs. 4 e 5).

Vamos analisar o programa arquitectónico do fórum de Conimbriga dividindo-o em três áreas funcionais distintas e uma quarta suplementar (o criptopórtico).

Os elementos do projecto arquitectónico

O átrio foral

A entrada do fórum de Conimbriga foi imaginada como um arco quadrifronte adossado à entrada, permitindo o acesso desde a praça a sul

do fórum, dando passagem para os templetes laterais e introduzindo os transeuntes no pórtico da praça frente ao templo.

A reconstituição desta entrada só pode ser conjectural, devido ao estado de profunda destruição das estruturas, de onde foram retirados todos os elementos de construção. Uma reconstituição possível poderia ser inspirada no arco quadrifronte de Capera (Cáceres. Nünerich-Asmus 1997), ainda que o modelo seja de data posterior, mas trata-se sem dúvida de uma iluminação retrospectiva com significado relevante.

Do lado direito da entrada do fórum existiu um templete, cuja reconstituição padece dos mesmos problemas. Atribuímos a esta construção um capitel de pilastra conservado no Museu Monográfico, sem referências de proveniência; este ditaria que os templetes eram *in antis* (fig. 6).

Do lado esquerdo, para além de um pequeno tanque quadrangular, cuja finalidade meramente utilitária ou votiva é desconhecida, outro pequeno templete, de que não existem hipóteses quanto à sua finalidade, elevava-se sobre três degraus.

Uma destas pequenas construções deve ter sido dedicada ao Génio de Conimbriga (Fouilles de Conimbriga II, nº6²), pois nesta zona se encontrou a pequena árula de calcário portando essa dedicatória.

A praça

O pórtico que rodeava a praça do fórum por três lados, ainda que de uma dimensão inferior ao templo, como competia a um desenho hierarquizado do conjunto de elementos, em que a sua dimensão traduzia a sua importância era, todavia, uma parte importante e imponente da construção.

Construído na ordem coríntia, as bases áti- cas e os capitéis foram talhados em calcário, permitindo os elementos sobreviventes avaliar da gran-

² Utilizamos esta forma de nos referirmos às inscrições publicadas em Etienne *et al.* 1976

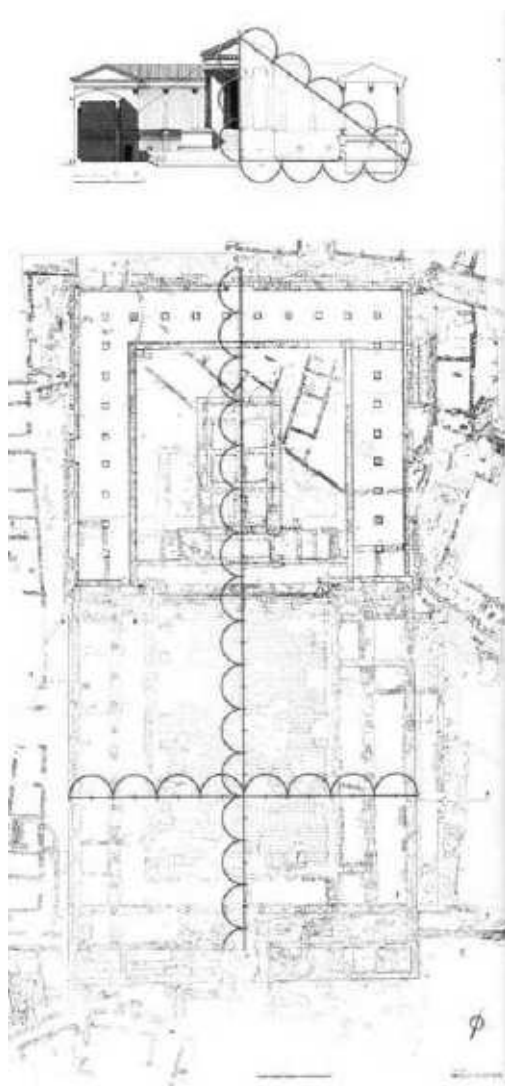


Fig. 3. Módulo arquitectónico (segundo Alarcão e Etienne 1977 apud Correia 2003).

de qualidade do trabalho escultórico. As colunas foram talhadas em tufo, conservando-se vestígios de um seu revestimento em estuque, que não se sabe se foi original ou se foi produto de uma fase de reparação das construções forais.

Nas paredes do fundo do pórtico o ritmo das colunas repetia-se em pilastras quadradas, que suportavam um tecto de caixotões decorados por rosetas.

Entre a praça central e o pórtico estendia-se um passeio descoberto, que duplicava o espaço do pórtico, permitindo o que foi sem dúvida uma importante função do fórum, a disponibilização de espaço processional, em ocasião de festividades

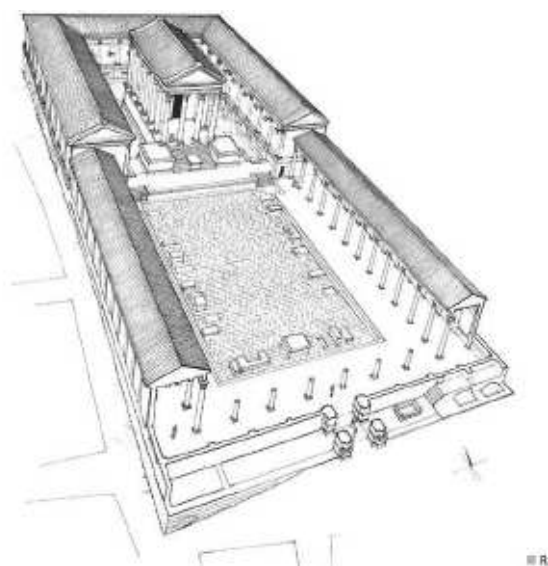


Fig. 4. Reconstituição do fórum (seg. Alarcão e Etienne 1977).



Fig. 5. Fotografia da maquette do fórum flaviano (©MMC).

religiosas, e de espaço de convivência e negócio, em regime diuturno; esta é aliás, a principal função de qualquer fórum.

A praça central propriamente dita manteve as suas dimensões desde a fase datada do reinado de Augusto, explicando esse facto algumas das questões levantadas a propósito da implantação urbana e do programa arquitectónico do fórum.

Originalmente a praça tinha um simples chão de terra batida, mas a intervenção flaviana revestiu este com um pavimento de lajes de calcário.

Estas lajes respeitaram a existência de várias bases de monumentos honoríficos, vieram posteriormente a ser recortadas e alteradas na sua disposição à medida que outros monumentos foram implantados.



Fig. 6. Capitel de pilastra atribuído aos templos do átrio foral. MMC s/inv. (©MMC).

Entre os vários monumentos ressalta aquele de maiores dimensões localizado no centro do extremo sul da praça, alinhado no mesmo eixo da entrada do fórum e do templo: tratou-se provavelmente de um altar dedicado ao culto público, e que se integraria na utilização processional do fórum em algumas ocasiões do ano especialmente festivas.

Dos monumentos honoríficos, infelizmente, nada sobreviveu, senão evidências de que foram de dois tipos (considerando as plantas das suas bases): pequenos monumentos rectangulares, verosimilmente bases de estátuas ou de colunas comemorativas; e monumentos de planta em π , que devem ter suportado conjuntos epigráficos mais complexos.

Conhece-se em Conimbriga um único monumento que terá feito parte de um destes monumentos, sendo uma fracção do que terá sido um conjunto de textos de maior dimensão. Este monumento regista a dedicação (do próprio monumento) à memória de um notável local, de nome Caio Turrano Rufo (Fouilles de Conimbriga II, nº nº 70) pela sua mulher, tendo o sogro e um cunhado sido os curadores da execução da dedicatória. Trata-se da promoção das relações familiares, que era essencial ao avanço de qualquer carreira política nas cidades romanas.

Este monumento foi localizado, não no fórum, mas sim reutilizado como laje de cobertura de um cano de esgoto, na rua das termas.

O templo

O templo é, infelizmente, um dos elementos pior conhecidos do fórum, isto acontece porque, sendo aquele que se situava a uma cota mais elevada, foi aquele que mais sofreu com a erosão da zona. Não conhecemos nada dos seus muros, todas as estruturas estando conservadas abaixo do nível original dos pavimentos. Sobreviveram alguns elementos arquitectónicos, mas em quantidade insuficiente para a sua reconstituição completa. Faz-se todavia recurso à comparação, sabendo-se que, até por razões religiosas, a arquitectura religiosa romana era profundamente conservadora, sendo invariáveis alguns dos seus elementos.

O templo era pseudo-períptero, com as paredes da cela decoradas por meias colunas adossadas, tendo tido provavelmente quatro colunas na fachada.

Acedia-se a esta fachada por uma escada ladeada por dois grandes blocos de construção, de planta quadrangular, que substituíram as usuais antas. Estes maciços suportaram talvez esculturas.

Nada sabemos do seu interior, ainda que seja hipótese admissível que aí estiveram as mais importantes peças de escultura imperial conhecidas na cidade, que para aí teriam sido deslocadas do fórum mais antigo, para o qual terão sido encomendadas.

O templo era precedido de uma esplanada, rodeado por um largo espaço aberto e enquadado por um *porticus duplex* elevado.

A esplanada do templo era um instrumento muito importante na delimitação dos espaços do fórum e nos acessos entre eles, representava também uma forma de elevar visualmente o nível a partir do qual se desenvolvia a estrutura do pódio, evitando a demasiada visibilidade que este poderia ter (o que arruinaria o equilíbrio clássico das suas proporções). Mas a esplanada do templo corresponde também a uma das formas variadas através das quais na Lusitânia se desenvolveu uma forma específica de templo romano, cujo acesso não é nunca simples e axial, como na generalidade dos templos clássicos. Nesta região do Império preferiu-se sem-

pre uma forma indirecta de acesso ao templo, fosse através de escadas laterais, transversais ao eixo do edifício ou, neste caso, através de níveis diferenciados, fisicamente separados, da construção.

No caso de Conimbriga esta esplanada substituiu a mais usual forma *rostrata* de acesso ao *pronaos*; por outro lado a esplanada impede o acesso ao *temenos* delimitado pelo criptopórtico, que é uma forma suplementar de destacar, isolando-o, o templo do culto imperial.

Entre o templo e as paredes do criptopórtico ficava um espaço de acesso vedado que aparentemente era coberto por um simples chão de terra batida, que se destinava a formar um espaço livre que concedesse ao templo, para além de um enquadramento visual que potenciase o efeito dos pórticos circundantes, uma área de isolamento que obrigasse a focar na esplanada a circulação e atenção de quem frequentava o fórum.

Enquadrando este espaço, o pórtico duplo que assentava sobre o criptopórtico era constituído por colunas de tijolo, estucadas, que criavam um ambulatório onde, a julgar pelos achados em escavação, se concentrava grande parte do aparato cénico e religioso do fórum, fragmentos de inscrições, de estatuária, objectos rituais, provêm da escavação do criptopórtico (para onde a deterioração das estruturas os arrastou) em quantidade sem paralelo na restante área escavada.

Era também notável o aparato decorativo desta zona, favorecido pela pintura exterior das paredes do criptopórtico, mas que aqui se multiplicava na cancela de pedra lavrada, na pintura das colunas e das paredes (de que sobreviveram escassíssimos fragmentos que não permitem restituição) e no pavimento de *opus sectile* em mármore branco e ardósia (Alarcão e Etienne 1977 pl. 99, nº 7).

O criptopórtico

O criptopórtico é um dos mais importantes restos de todo o programa de construções; era todavia um dos mais discretos quando os edifícios funcionavam em pleno.

O arquitecto, para elevar o pórtico enquadrante do templo, contraponto do pórtico da praça, resolveu elevá-lo, torná-lo mais fundo e, para não perturbar a leitura focal do templo, reduzir a escala da sua arquitectura. Para isso criou um *cryptoporticus*, que rodeava por três lados o *temenos* do templo (Alarcão e Etienne 1973).

Tinha-se acesso a ele por pequenas portas, que diz bem do carácter meramente utilitário da sua existência (serviu talvez de armazém dos produtos distribuídos à população nas liturgias dos magistrados).

O seu sistema de cobertura era particularmente engenhoso, com um tabuado de madeira assente em peças talhadas em tufo, por sua vez encastradas nas alvenarias que formavam a base da construção. A nível superior, este tabuado (para o qual se seguiram talvez as complexas indicações de Vitruvius), suportava um pórtico duplo de igual planta.

Também a reconstrução do criptopórtico foi alvo de uma proposta alternativa à dos escavadores originais que merece alguma mais análise (Olivier 1983).

A hipótese de o criptopórtico de Conimbriga ser coberto por abóbadas, sendo os elementos de platibanda armada utilizados na cobertura do pórtico duplo superior, ainda que tenham tido algum acolhimento científico (Scetti 1996), não parece credível por várias razões:

- Em primeiro lugar a estrutura dos muros portantes do criptopórtico, não muito espessos e apenas ligeiramente contrafortados, não parece suficiente para essa massa construtiva.
- Em segundo lugar, ainda que os elementos probantes sejam marginais, apesar de muito destruídos esses muros conservam-se a uma cota suficiente para que, caso essas abóbadas tivessem existido, parte dos seus arranques teria sobrevivido, o que não acontece.
- Também não parece adequado imaginar que uma estrutura complexa e pesada como a platibanda, utilizada para as mais complexas construções curvilíneas abobadadas da *villa* Adriana, fosse necessária para suportar a simples cobertura do

pórtico duplo situado sobre o criptopórtico.

- Por último, a verificarem-se as duas últimas situações decorrentes da proposta de reconstituição de A. Olivier (1983), seria toda a reconstrução do alçado do fórum que seria necessário rever. Sem preconceitos quanto a esta hipótese, trata-se todavia de algo não suportado por toda a restante evidência e, em todo o caso, parece ser a solução original (os *pulvini* como elementos de apoio de um plano horizontal que serve de cobertura do criptopórtico e pavimento do pórtico superior) uma solução muito mais económica do ponto de vista arquitectónico e também do conceptual.

Ordem arquitectónica e decoração

Todo o fórum adoptou a ordem coríntia para a sua decoração, ainda que fosse muito variada a gama de escalas e técnicas utilizadas na construção.

Templo

O templo do fórum tinha o seu fastígio, ditado pelo cateto menor do triângulo de Pitágoras que regeu o alçado do monumento a trinta pés de altura (c. 18m). As grandes colunas do templo do fórum atingiam quase os nove metros de altura, os capitéis tinham, por si só, um pouco mais de um metro de altura. Bases, fustes e capitéis foram talhados em calcário local (das pedreiras provavelmente situadas sob a actual Condeixa-a-Velha. Cf. Reis 2002), tal como todo o restante entablamento.

Do friso do templo sobreviveu apenas um elemento, que não nos permite julgar se o friso foi esculpido ou se era liso.

Da cornija, recuperou-se na escavação um elemento que incluía uma gárgula em forma de cabeça de leão. A qualidade do trabalho do escultor é fraca, o que, todavia, talvez não retirasse o impacto plástico que esta decoração certamente teve.

Muito interessante é o facto de este mesmo elemento nos demonstrar que o templo (pelo menos, porque talvez o facto tenha ocorrido em

todo o fórum), foi objecto de uma importante fase de reparação.

Pórtico do templo

Assente sobre o criptopórtico, o pórtico do templo era o de menor escala e aquele em que a técnica de construção fez recurso às soluções mais económicas, sendo as colunas construídas com tijolos e posteriormente estucadas. Esta era uma técnica muito comum na cidade, sendo a solução dominante nas residências privadas.

As colunas assentavam sobre plintos quadrangulares, que enquadravam, na face virada ao espaço envolvente do templo uma cancela gradeada em mármore.

O entablamento desta zona era de grande efeito plástico, sendo a arquitrave coroada por uma cornija saliente, assente em mísulas decoradas por um acanto, enquanto a face inferior dela era decorada por rosetas. Estas rosetas repetiam-se provavelmente nos caixotões do tecto do pórtico, obtidos com tijolos especialmente produzidos para isso.

Pórtico da praça

O pórtico da praça era aquele de maior frequentação pública, sendo também, do ponto de vista técnico, o mais simples. Por ser o de maior dimensão e número de colunas, é também aquele de que mais elementos sobreviveram.

As bases das colunas eram bases áticas, formadas por dois toros separados por um listel. Foram talhadas em calcário local. Os fustes eram fortemente canelados, talhados em tufo, o que obrigou os alvanéis a produzir tambores relativamente pouco espessos, pois as condições físicas da pedra não consentiriam noutras hipóteses mais conformes à tradição romana. Talvez por isso, as colunas receberam um revestimento superficial de argamassas e estuque. Não é, no entanto, absolutamente certo se este revestimento foi aplicado desde um primeiro momento, ou se faz parte de uma fase de renovação da decoração do fórum.

Os capitéis, também em calcário local, eram boas obras de escultura: as folhas de acanto são esculpidas com grande ênfase plástica (**fig.7**).

Os entablamentos seriam, nesta zona do fórum, bastante simples, como convinha a uma zona que não devia, por motivos ideológicos, retirar protagonismo à zona do templo.

Pinturas

Pouco sobreviveu das pinturas do fórum, pois os anos de abandono que deve inevitavelmente ter atravessado com o advento do cristianismo, devem ter sido especialmente severos neste elemento decorativo, que é dos mais frágeis.

Conhecemos apenas o esquema pictórico que ornou as paredes exteriores do criptopórtico, que era composto por grandes painéis amarelos, divididos por faixas verde-água realçadas por filetes brancos. Estes painéis assentavam sobre um soco azul muito escuro (**fig. 8**).

A sobrevivência destas pinturas deve-se ao facto de terem sido sobre-rebocadas na fase de remodelação do fórum já referida.

A expressão do culto imperial no fórum de Conimbriga

O programa iconográfico de Conimbriga está estudado com alguma profundidade. O aparato epigráfico do fórum, apesar de bem inventariado, não está, no entanto, adequadamente posto em contexto.

Ainda que muito fragmentário (aliás como as esculturas) esse aparato epigráfico é no entanto o suficiente para iluminar alguns aspectos significativos da expressão do culto imperial na cidade.

Não vamos curar, neste momento da dedicatória *Genio Conimbrica...*, já mencionada. Segundo a nossa proposta de restituição, essa áru-la estaria colocada no templete leste da parte externa do fórum, e pretendemos concentrar a nossa análise sobretudo nas inscrições localizadas dentro do fórum, ou naquelas que por outras razões (designadamente as post-deposicionais) a ele se lhe podem associar.



Fig. 7. Pormenor do capitel do pórtico da praça do fórum. MMC inv. 66.371 (©MMC).

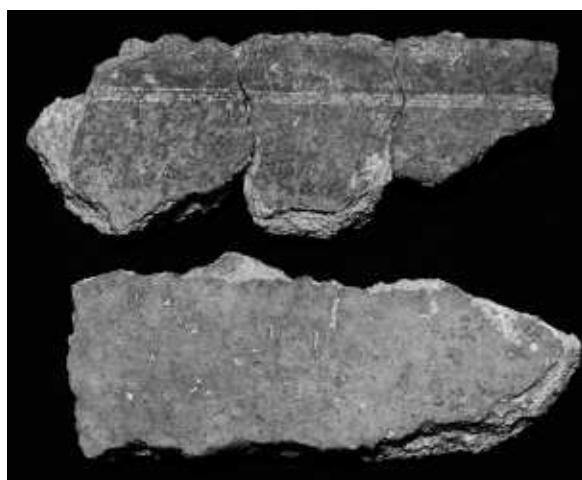


Fig. 8. Pormenor de dois fragmentos de fresco do criptopórtico. MMC s/inv. (©MMC).

Começando pelas inscrições localizadas no criptopórtico, conhecem-se dedicatórias a:

- Fortuna (Inscrição fragmentária, Fouilles de Conimbriga II, nº 4.).
- Lares: *Fl(aviae) Conimbricae/et Larib(us) eiu(s)...* (Fouilles de Conimbriga II, nº 10) e possivelmente os *Lares Viales* (Inscrição muito destruída, Fouilles de Conimbriga II, nº 12.).
- Apolo: Altar votivo com representação do tripé délfico, encontrado na zona do criptopórtico (Fouilles de Conimbriga II, nº 20), dedicatória *Phoe(bo) Th(eo)...* (Fouilles de Conimbriga II, nº 16). O culto de Apolo Augusto está documentado por uma outra dedicatória, sem proveniência exacta e infelizmente perdida (Fouilles de Conimbriga II, nº 2).

- *Pietas Augusti...*: (Inscrição fragmentária. Fouilles de Conimbriga II, nº 17).

Mas é em posição secundária que vamos encontrar as manifestações mais crucialmente ligadas ao culto imperial levado a cabo no fórum de Conimbriga, que parece ter estado intimamente ligado ao culto de Marte.

Porventura a mais antiga dedicatória a Marte proveniente de Conimbriga perdeu-se, infelizmente, em data já antiga. É todavia mencionada em Hübner sem aparentes problemas de transcrição. Refere um culto gentilitário a uma invocação sincrética de Marte e de um deus indígena, Neto (Almagro 2002):

- (*Deo Marti?*) *Neto (?) Valerius Avitus/ M(arcus) Turranius Sulpici(anus) / de vico Baedoro/ gentis Pinto(num?)* (Fouilles de Conimbriga, II, nº 15).

Sabemos que estes cultos gentilitários foram importantes numa fase antiga de organização da civitas, sobretudo pelo facto de que as próprias estruturas gentilitárias eram importantes do ponto de vista social e político, mas também económico: a propriedade gentilitária desempenhava um papel muito significativo na estruturação das sociedades indígenas desta região, como demonstra a expropriação das propriedades comunitárias de Talabriga por Décimo Júnio Bruto em 136 a.C. (Apiano, Eber., 73); esta fórmula de propriedade comunitária parece ter sobrevivido plenamente dentro do período imperial, razão pela qual é possível que a identificação gentilitária dos habitantes de Conimbriga na época de Augusto, mais do que mera afirmação identitária, correspondesse de facto a uma declaração de facto da organização opidana na sequência da *contributio* de que a cidade deve ter beneficiado (Bendala 2004). É portanto possível que o *vicus baedoro* mencionado na inscrição fosse um *vicus* urbano, forma divisionária da cidade em época de urbanização embrionária, e não uma povoação dos arredores (o tema é discutido em Correia e De Man n.p.).

Esta hipótese tornaria especialmente a evolução do culto de Marte da *interpretatio* de Neto para a invocação de Marte Augusto. Sabemos, por outras inscrições, que a invocação de deuses locais

como *augusti* podia também existir (*Remetibus/ Aug(usti)...* Fouilles de Conimbriga II, nº 18).

De facto, existem dois* testemunhos do culto de Marte Augusto em Conimbriga:

- Altar a Marte Augusto: *Ma/rti/ Au(gusto)/ sac/rum/ G(aius)/ Vale/rius/ Pa(eti)/nius/ Hel(i)/odo/(rus)...* (Fouilles de Conimbriga II, nº 14. **figs. 9 e 10**).
- Liturgia a Marte: *...etia(m)/ quotsi r(ogatu meo)/ atnueris (propitius)/ aram dic(abō cum hostiis)/ auratis et .../ taurum m(actabo in)/ ariis M(artis...)* (Fouilles de Conimbriga II, nº 19. **fig. 11**).

Há em primeiro lugar uma apreciação topográfica a fazer: estas inscrições localizavam-se todas na zona do criptopórtico, provavelmente instaladas no pórtico duplo superior que enquadrava o templo. Este pórtico seria uma zona de acesso difícil, certamente não aberto e muito pouco diuturno. Este facto estabeleceria uma distinção entre as duas zonas do fórum: a praça, aberta, com um aparato escultórico e epigráfico dedicado aos magistrados locais (que efeitos dos processos post-deposicionais levaram a perder quase completamente) e uma zona propriamente “imperial”, mais reservada. Poderá esta partição ideológica e ritual ser elemento essencial para justificar o plural “ariis” utilizada na tarifa sacrificial acima referida? É uma possibilidade.

Em segundo lugar, impõe-se na paisagem epigráfica assim esboçada uma semelhança marcante, que certamente foi procurada, com o programa religioso augustano em Roma, nas suas principais realizações arquitectónicas: a associação de Marte, Fortuna e da família imperial recorda o frontão do templo de *Mars Ultor* no fórum de Augusto (Zanker 1968. Também Kockel 1983 e Ganzert 1985). O papel de Apolo, sobretudo marcado pela construção do templo de Apolo Palatino, foi um elemento determinante da política augustana (Zanker 1983 e Kellum 1985).

A emulação da *urbs*, motor essencial da actividade edilícia local, encontra no fórum flaviano

* Com este volume fá ho prelo, publicon J. M. Abascal (2008) notícia de uma terceira inscrição.



Fig. 9. Altar dedicado a *Mars Augustus*. MMC inv. A43 (©MMC).

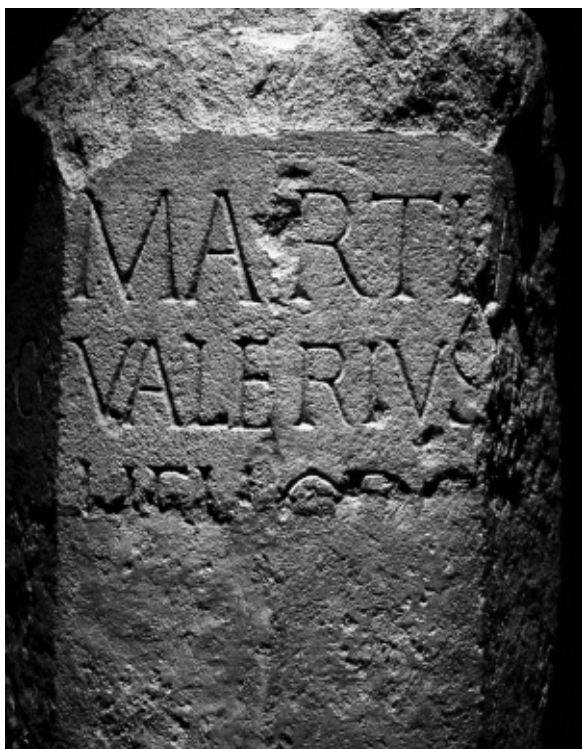


Fig. 10. Pormenor da inscrição do altar a *Mars Augustus* (©MMC).

da cidade o campo ideal para a sua expressão, liberta dos constrangimentos do pequeno fórum cívico que precedeu o grande *temenos*. Esta emulação é, evidentemente, feita por intermediação da capital provincial, quer nos aspectos propriamente culturais (Edmondson 2007) quer nos aspectos urbanísticos mais gerais (Correia n.p.).

A vida e evolução do fórum

Reparações

Já foram mencionadas as duas principais evidências de reparações ao longo da vida do fórum de Conimbriga: a reparação da cornija do templo* (fig.12) e a renovação das pinturas exteriores do criptopórtico, que obliterou as originais a amarelo e verde água.

Uma outra alteração foi identificada desde a origem: a transformação da ala leste do criptopórtico em cisterna, atribuída pelos escavadores a uma data avançada da vida da cidade.

Recentemente um outro dado foi evidenciado por trabalhos arqueológicos recentes: a existência, sob o *opus signinum* que assegurava a estanqueidade da cisterna, de fragmentos de bases de pilastra em calcário pertencentes a outros pontos do monumento (designadamente às pilastras do muro de fundo do pórtico da praça. fig.13).

Estes elementos conjugam-se no sentido de ter existido apenas uma grande fase de renovação. A construção da cisterna terá aconselhado também a impermeabilização dos muros do criptopórtico na sua face externa. Isto acontece quando elementos arquitectónicos do monumento estão deslocados do seu contexto original, o que leva à sua inclusão nos entulhos. Esta intervenção nos elementos arquitectónicos ocorrerá quando se renovam aspectos gerais das coberturas dos monumentos, provavelmente para assegurar com maior eficácia a recolha de águas pluviais que certamente foi uma das principais formas de abastecimento da cisterna.

* Da gual, com este volume fá no prelo, se encontrou um novo e importante fragmento.

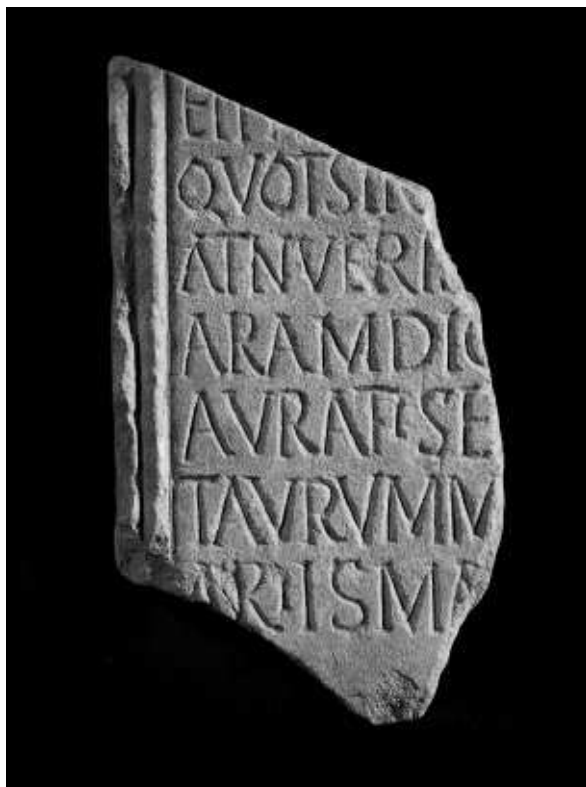


Fig. 11. Tarifa sacrificial com menção à *area* dedicada a Marte. MMC inv. 73.1 (©MMC).



Fig. 12. Cornija do templo com evidência de reparação antiga. MMC inv. 67/1118 (©MMC).

Infelizmente não se dispõem de evidências cronológicas seguras, para além do raciocínio dedutivo apresentado pelos escavadores, indicando o século IV como o momento de ocorrência desta renovação do fórum.

Cristianização e abandono

A evolução do fórum em épocas avançadas foi determinante na própria evolução que a fisionomia da cidade sofreu.

Está em primeiro lugar nesta evolução a criação da necrópole na esplanada do templo, seguro indício da sua cristianização (De Man 2004, 514-515, id. 2005). A este elemento deve adicionar-se um fragmento de ajimez em arco ultrapassado proveniente do criptopórtico (**fig.14**).

Esta peça, não considerada na publicação das Fouilles de Conimbriga por razões desconhecidas, tão pouco tem sido referida nas análises mais recentes da arquitectura tardo-antiga de Conimbri-

ga que, sem embargo, têm até sido bastante exaustivas na catalogação (Maciel, 1993, id. 1996, cf. Real 2000). Foi catalogada recentemente por S. Vidal (2005, cat. 52) e, dada a sua proveniência do criptopórtico do fórum vem estabelecer definitivamente que existem em Conimbriga três locais onde se dá uma intervenção arquitectónica tardo-antiga, de que os achados de pedras lavradas são testemunho e nos quais ocorre também a instalação de necrópoles: o fórum é um destes locais, ; as grandes termas do sul e, claro, a basílica paleo-cristã são os outros. Estas intervenções datar-se-ão no séc. VI (Vidal 2005, De Man 2005).

O ajimez em arco ultrapassado, com uma decoração vegetalista muito depurada, não encontra paralelos artísticos evidentes no actual estado dos nossos conhecimentos (Almeida1986, Maciel 1996).

Um outro elemento muito importante na reconstituição das vicissitudes do fórum é a aparente destruição intencional de parte, pelo menos,

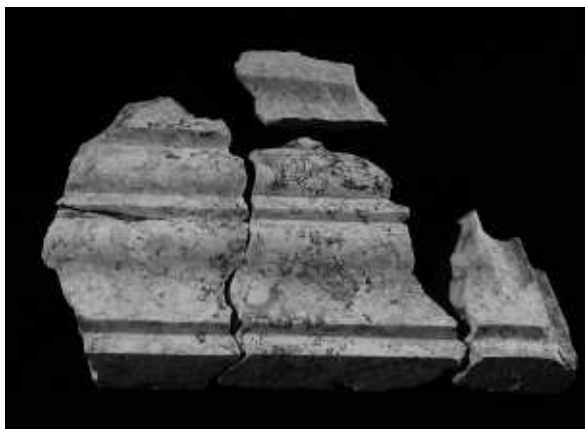


Fig. 13. Fragmentos de base de pilastra descobertos sob o *opus signinum* da cisterna instalada no criptopórtico. MMC s/inv. (©MMC).



Fig. 14. Fragmento de ajimez decorado proveniente do criptopórtico. MMC inv. 67.426 (©MMC).

da escultura imperial, de que o torso *hüfmanteltypus* foi encontrado, partido em cerca de sessenta fragmentos, na rua exterior ao fórum, reutilizados como enchimento de pavimento (literalmente “bri-tados”).

Esta explicação das condições particulares de achado de uma peça cujas características levaram a um processo de reconstrução muito cuida-

do, pode talvez extrapolar-se para outros elementos que abordámos, como a epigrafia ou a decoração, explicando portanto o carácter fragmentário e lacunar do conjunto global da evidência disponível sobre o fórum de Conimbriga.

Conclusão

O fórum de Conimbriga oferece uma linha de ilustração da evolução do centro urbano, desde a época de florescimento da cidade romana até ao seu abandono, que é importante a vários títulos:

- Em primeiro lugar a demonstração da forma de adopção de uma cultura arquitectónica de relevo em todas as suas vertentes.
- Em segundo lugar a revelação de um discurso ideológico subjacente conduzido pelo culto imperial na sua vertente mais profunda de emulação pelas elites locais da situação metropolitana e colonial, numa cidade onde o elemento imigrante de origem romana ou itálica era estatisticamente desprezível.
- Em terceiro lugar (dentro da problemática que aqui nos ocupa) um longo período difuso de aparente falta de investimento no monumento, um fenómeno de invisibilidade no registo arqueológico que noutros contextos a arqueologia pode interpretar como uma manifestação intencional ligada a programas ideológicos específicos. Sabemos que, neste momento (que corresponde essencialmente aos séculos II e III) se dá, em Conimbriga, uma forte deslocação do investimento edilício para a esfera privada, designadamente para o investimento na decoração musiva das residências de média dimensão. Há, portanto, um programa urbano da *ordo conimbrigensis* em épocas antoniniana e severiana, a definir no seu exacto contexto sócio-económico.
- Por último a radical alteração da fisionomia do monumento e a sua nova utilização em contexto cristão é mais do que uma metáfora da evolução do centro urbano em direcção a desertificação e abandono final (De Man 2006, De Man e Soares 2007). Também aqui há, sem dúvida, um espa-

ço alongado de tempo, uma verdadeira arqueologia medieval em Conimbriga, cuja investigação está em curso.

BIBLIOGRAFIA

- ABASCAL, J. M., 2008: "Marti augusto sacrum ex mandatu". *Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik* 166, p. 303-305.
- ALARCÃO, A. M., ETIENNE, R. e GOLVIN, J.-C., 1997: "Le forum de Conimbriga: réponse à quelques contestations". In Etienne, R. e Mayet, F. (ed.) *Itinéraires Lusitaniens. Trente années de collaboration archéologique luso-française* (Paris, De Boccard), p. 49-70.
- ALARCÃO, J. e ETIENNE, R., 1973: "L'architecture des cryptoportiques de Conimbriga (Portugal)". In *Les cryptoportiques dans l'architecture romaine* (Roma, Collection de l'Ecole Française de Rome 14), p. 371-406.
- ALARCÃO, J. e ETIENNE, R., 1986: "Archéologie et idéologie impériale à Conimbriga". *Comptes Rendus de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres - 1986* (Paris, De Boccard), p. 120-132.
- ALARCÃO, J. e ETIENNE, R., 1977: *Fouilles de Conimbriga I, L'architecture* (Paris, M.A.F.P./M.M.C.).
- ALARCÃO, J., ETIENNE, R., ALARCÃO, A. M. e PONTE, S., 1979: *Fouilles de Conimbriga VII, Trouvailles diverses. Conclusions Générales* (Paris, M.A.F.P./M.M.C.).
- ALMAGRO-GORBEA, M., 2002: "Una probable divinidad tartésica identificada: Niethos/Netos". *Palaeohispanica* 2, p. 37-70.
- ALMEIDA, C. A. F., 1986: *Arte da Alta Idade Média* (Lisboa, Publicações Alfa, *História da Arte em Portugal*, vol. II).
- BALTY, J.-C., 1991: *Curia Ordinis* (Bruxelas, Académie Royale de Belgique).
- BENDALA, M., 2004: "Conimbriga en la transformación urbana de la Hispania protohistórica a la romana". In Correia, V. H. *Perspectivas sobre Conimbriga* (Lisboa, Ed. Âncora/Liga de Amigos de Conimbriga), p. 13-33.
- BIERS, W., et al., 1988: *Mirobriga* (Oxford, British Archaeological Reports, International Series 451).
- CONGES, A. R., 1987: "L'hypothèse d'une basilique à deux nefs à Conimbriga et les transformations du forum". *Mélanges de l'Ecole Française de Rome - Antiquité*, t. 99 (2), p. 711-751.
- CORREIA, V. H., 1993: "Os materiais pré-romanos de Conimbriga e a resença fenícia no baixo vale do Mondego". In Tavares, A. A. (ed.) *Os fenícios no território português* (Lisboa, Instituto Oriental da Universidade Nova, *Estudos Orientais* 4), p. 229-283.
- CORREIA, V. H., 1999: "Desenvolvimentos recentes da investigação arqueológica em Conimbriga". In Alvarez-Palenzuela, V. A. (ed.) *Jornadas de cultura hispano-portuguesa* (Madrid, Un. Autónoma), p. 11-31.
- CORREIA, V. H., 2003: *Conimbriga. Guia das Ruínas* (Lisboa, IPM).
- CORREIA, V. H., 2004a: "O futuro dos estudos arqueológicos em Conimbriga". In Correia, V. H. *Perspectivas sobre Conimbriga* (Lisboa, Ed. Âncora/Liga de Amigos de Conimbriga), p. 49-79.
- CORREIA, V. H., 2004b: "Coexistência e revolução. Urbanismo e arquitectura em Conimbriga (séc. I a.C.-III d.C.)". In Lopes, M. C. e Vilaça, R. (coord.) *O passado em cena: narrativas e fragmentos. Miscelânea oferecida a Jorge de Alarcão* (Coimbra, C.E.A.U.C.P.), p. 261-298.
- CORREIA, V.H., n.p.: "Os espaços forais de Conimbriga". In *Santuários, oppida y ciudades* (Mérida, Instituto de Arqueologia CSIC, Anejos de Archivo Español de Arqueologia), no prelo.
- CORREIA, V. H. e ALARCÃO, P., 2008: "Conimbriga: um ensaio de topografia histórica". *Conimbriga* 47, p. 121-136.
- CORREIA, V. H. e DE MAN, A., no prelo: "Variação e constância na ocupação de Conimbriga e do seu território". In Vermeule, F. e Corsi, C. (eds.) *Transformações da paisagem. O impacto das cidades romanas no Mediterrâneo Ocidental* (Évora, FCT/CIDEHUS).

- CORREIA, V. H. e REIS, M. P., 2000: "As termas de Conimbriga: tipologias arquitectónicas e integração urbana". In Ochoa, C. F. e Entero, V. G. (ed.) *Termas romanas en el Occidente del Imperio* (Gijón, VTP edit.), p. 271-280.
- DE MAN, A., 2004: "Aspectos de Conimbriga tardio-antiga". *Biblos*, N. S. nº 2, p. 505-518.
- DE MAN, A., 2005: "Sobre a cristianização de um fórum". *Almadan*, N. S. nº 13 *Adenda Electrónica*. [Consultado em 3/11/2008 em <http://almadan.cidadevirtual.pt>].
- DE MAN, A., 2006: *Conimbriga do Baixo Império à Idade Média* (Lisboa, Ed. Sílabo).
- DE MAN, A. e SOARES, A. M., 2007: "A datação pelo radiocarbono de contextos pós-romanos de Conimbriga". *Revista Portuguesa de Arqueologia*, nº 10-2, p. 285-294.
- DGEMN, 1948: "Ruínas de Conimbriga". *Boletim da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais*, nº 52-53.
- EDMONDSON, J., 2007: "The cult of *Mars Augustus* and Roman Imperial power at *Augusta Emerita* (Lusitania) in the third century AD: a new votive dedication. In Nogalez, T. e González, J. (eds.) *Culto Imperial: política y poder* (Roma, L'Erma di Bretschneider, *Actas del Congreso Internacional*, Mérida 2006), p. 541-575.
- ETIENNE, R., FABRE, G., LEVEQUE, P. e LEVEQUE, M., 1976: *Fouilles de Conimbriga II, Epigraphie et sculpture* (Paris, M.A.F.P./M.M.C.).
- GANZERT, J., 1985: "Der Mars-Ulter Tempel auf Augustusforum im Rom". *Römischen Mitteilungen* 92, p. 201.
- GROS, P., 1979: "Recensão a Fouilles de Conimbriga I". *Revue Archéologique*, NS 1979, fasc. 2, p. 347-350.
- KELLUM, B., 1985: "Sculptural programs and propaganda in Augustan Rome: the temple of Apollo on the Palatine". In Winkes, R. (ed.) *The Age of Augustus* ((Providence/Lovaina, Brown Un./ISAHA), p. 169.
- KOCKEL, V., 1983: "Beobachtungen zum Tempel des Mars Ulter Forum des Augustus". *Römischen Mitteilungen* 90, p. 421.
- LAURENCE, R., 1994: *Roman Pompeii. Space and society* (Londres, Routledge).
- MACIEL, M. J., 1993: *Arte romana tardia e paleocristã em Portugal* (Lisboa, FCSH-UN, diss. Doutoramento).
- MACIEL, M. J., 1996: *Antiguidade tardia e paleocristianismo em Portugal* (Lisboa, Ed. Autor).
- MIERSE, W. E., 1999: *Temples and towns in Roman Iberia* (Cambridge, C. Un. Press).
- NOGALES BASARRATE, T. e GONÇALVES, L. J., 2005: "*Imagines Lusitaniae*: La plástica oficial de Augusta Emerita y su reflejo en algunas ciudades lusitanas". In Nogales Basarrate, T., (ed.) *Augusta Emerita. Territorios, Espacios, Imágenes y Gentes en Lusitania Romana* (Mérida, MNAR, *Monografías Emeritenses* 8), p. 287-337.
- NÜNERICH-ASMUS, A., 1997: *El arco cuadrifronte de Cápera (Cáceres)* (Madrid, CSIC, *Anejos de Archivo Español de Arqueología*, XVI).
- OLEIRO, J. M. B., 1952: "Conimbriga e alguns dos seus problemas". *Humanitas*, IV, p. 32-42.
- OLIVIER, A., 1983: "Sommiers de plates-bandes appareillés et armées à Conimbriga et à la Villa d'Hadrien à Tivoli". *Mélanges de l'Ecole française de Rome. Antiquité*, 95-II, p. 937-959.
- PFANNER, M., 1989: "Zur entwicklung der stadtstruktur von Conimbriga". *Madriider Mitteilungen* 30, p. 184-203.
- REAL, M. L., 2000: "Portugal: cultura visigoda e cultura moçárabe". In Caballero, L. e Mateos, P. (eds.) *Visigodos y Omeyas. Un debate entre la Antigüedad Tardía y la Alta Edad Media* (Madrid, CSIC, *Anejos de Arch. Esp. Arq.* XXIII), p. 21-76.
- REIS, M. P., 2002: *Sistema de saneamento de Condeixa-a-Velha. Acompanhamento dos trabalhos e sondagens arqueológicas* (Conimbriga, Museu, relatório).
- RICHARDSON, J. S., 1995: "neque elegantem, ut arbitror, neque urbanum: Reflections on Iberian urbanism". In Cunliffe, B. e Keay, S. (ed.) *Social complexity and the development of towns in Iberia* (Londres, The British Academy, *Proceedings of the British Academy* 86), p. 339-354.

- SCETTI, E., 1996: "La técnica costrutiva della piattabanda armata in *Villa Adriana* e nel mondo romano". *Palladio* nº 17 (Jan-Jun 1996), p. 5-16.
- SCHATTNER, T. G., 1997: "A igreja de Sant'Ana do Campo – observações num templo romano invulgar". *O Arqueólogo Português* N.s. p. 13-15, 485-558.
- SOUZA, V., 1990: *Corpus Signorum Imperii Romani. Portugal* (Coimbra, I.A.F.L.U.C.).
- TRIÃES, R.P., 2003: *Estudo composicional e tipológico de materiais cerâmicos da civitas de Conimbriga* (Aveiro, Departamento de Geociências da Universidade).
- VIDAL ÁLVAREZ, S., 2005: La escultura tardoantigua de Conimbriga (ss. IV-VII). Catalogación y análisis (Coimbra, IAFLUC, rel. post-doc.).
- ZANKER, P., 1968: *Forum Augustum* (Tübingen, E. Warsmuth, *Monumenta Artis Antiquae*).
- ZANKER, P., 1983: "Der Apollotempel auf dem Palatin". In *Città e architettura nella Roma imperiale* (Roma, Analecta Instituti Danici, Sup. X), p. 21-40.

LISTADO DE AUTORES

Carla Alegria Ribeiro

Arqueóloga, IPM/MNMC
Portugal

José María Álvarez Martínez

Museo Nacional de Arte Romano
José Ramón Mélida s/n
06800 Mérida
España
E-mail: josemaria.alvarez@mcu.es

Rocio Ayerbe

Consorcio de la Ciudad Monumental,
Histórico-Artística y Arqueológica de Mérida
Reyes Huertas, 5
06800 Mérida
España
E-mail: rocio@consorciomerida.org

Filomena Barata

Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e
Arqueológico (IGESPAR)
Palácio Nacional da Ajuda
1349-021 Lisboa
Portugal
E-mail: mbarata@igespar.pt

Teresa Barrientos

Consorcio de la Ciudad Monumental,
Histórico-Artística y Arqueológica de Mérida
Reyes Huertas, 5
06800 Mérida
España
E-mail: teresa@consorciomerida.org

João Pedro Bernardes

Departamento de História, Arqueologia e
Património
Universidade do Algarve
Campus de Gambelas
8005-139 Faro
Portugal
E-mail: jbernardes@ualg.pt

Pedro C. Carvalho

Instituto de Arqueologia da FLUC
Palácio de Sub-Ripas
3000 Coimbra
Portugal
00351 – 919514988
E-mail: pedrooak@gmail.com

Enrique Cerrillo Martín de Cáceres

Departamento de Historia
(Área de Arqueología)
Facultad de Filosofía y Letras
Universidad de Extremadura
Campus Universitario s.n.
10071 Cáceres
España
E-mail: cerrillo@unex.es

Ricardo Costeira da Silva

Arqueólogo, IPM/IMC/MNMC
R. Vale S. Miguel, lote 4, 2º eq.
3020-113 Coimbra
Portugal
E-mail: ricardo_silva78@hotmail.com

Dina Custódio Matias

Arqueóloga, IPM/MNMC
Portugal

José d'Encarnação

Centro de Estudos Arqueológicos das
Universidades de Coimbra e Porto
Rua Eça de Queirós, 89, Pampilheira, P-2750-662
Cascais
Portugal
E-mail: jde@fl.uc.pt

Carlos Fabião

Dpto. de Historia
Faculdade de Letras
Universidade de Lisboa/ UNIARQ
Alameda da Universidade
1600-214 Lisboa
Portugal
E-mail: cfabiao@fl.ul.pt

Maria Helena Frade

Direcção Regional da Cultura do Centro
Rua Fernandes Tomás, nº 76
3000 - 167 Coimbra
Portugal
E-mail: mfrade@ippar.pt

Vasco Gil Mantas

Instituto de Arqueologia. Facultad de Letras
Universidad de Coimbra
Palacio de Sub-Ripas
3000-447 Coimbra
Portugal
E-mail: vgmantas@yahoo.com

Luís Jorge Gonçalves

Centro de Investigação e Estudo em Belas-Artes
e Faculdade de Belas-Artes da Universidade de
Lisboa
Largo da Academia Nacional de Belas-Artes
1249-058 Lisboa
Portugal
E-mail: luis.jg@fba.ul.pt

Amílcar Guerra

Dpto. de Historia
Faculdade de Letras
Universidade de Lisboa
Alameda da Universidade
1600-214 Lisboa
Portugal
E-mail: amilcarguerra@fl.ul.pt

Theodor Hauschild

Antiguo Subdirector del Instituto Arqueológico
Aleman-DAI Madrid
Fax: (+351) 21 960 710 141

Virgílio Nuno Hipólito Correia

Museu Monográfico de Conimbriga
3150 – 120 Condeixa
Portugal
E-mail: mmconimbriga.director@ipmuseus.pt

João L. Inês Vaz

Universidade Católica e investigador do CEAUCP
Centro Regional das Beiras
Estrada da Circunvalação
3504-505 Viseu
Portugal
E-mail: jlivaz@gmail.com

Maria da Conceição Lopes

Universidade de Coimbra
Centro de estudos Arqueológicos das
Universidades de Coimbra e Porto (CEAUCP)
Palácio de Sub-Ripas
3000-395 Coimbra
Portugal
E-mail: conlopes@fl.uc.pt ceaucp@ci.uc.pt

Santiago López Moreda

Departamento de Ciencias de la Antigüedad
Facultad de Filosofía y Letras
Universidad de Extremadura
Avda. de la Universidad s/n
10071 Cáceres
España
E-mail: slopez@unex.es

Pedro Mateos

Instituto de Arqueología de Mérida
Plaza de España, 15
06800 Mérida
España
E-mail: p.mateos@iam.csic.es

Trinidad Nogales Basarrate

Museo Nacional de Arte Romano
Dpto.de Investigación
José Ramón Mélida s/n
06800 Mérida
España
E-mail: trinidad.nogales@mcu.es

Félix Palma

Consorcio de la Ciudad Monumental, Histórico-
Artística y Arqueológica de Mérida
Reyes Huertas, 5
06800 Mérida
España
E-mail: felix@consorciomerida.org

Fernando Pereira dos Santos

Arqueólogo, EDIFER, Reabilitação, S.A.
Largo Álvaro Velho, 8
7000 Évora
Portugal
E-mail: fernandogsantos@gmail.com

Antonio Pizzo

Instituto de Arqueología de Mérida
Plaza de España, 15
06800 Mérida
España
E-mail: antoniopizzo@iam.csic.es

Ana Paula Ramos Almeida

Arqueóloga, IPM/MNMC
Portugal

Pilar Reis

Centro de Estudos Arqueológicos das
Universidades de Coimbra e Porto (CEAUPE)
Palácio de Sub-Ripas
3000-395 Coimbra
Portugal
E-mail: pilar.reis@gmail.com

Nicole Röring

Deutsches Archäologisches Institut Abt. Madrid
Calle Serrano 159
28002 Madrid
España
E-mail: nicoleroering@memvier.de

Maria de La Salette da Ponte

Instituto Politécnico de Tomar
Quinta do Contador - Estrada da Serra
2300-313 Tomar
Portugal
e-mail: saleteponte@ipt.pt

Panagiotis Sarantopoulos

Centro de Investigação e Estudo em Belas-Artes
e Câmara Municipal de Évora
Rua da Carta Velha
7000 Évora
Portugal
E-mail: *ta.saran@gmail.com*

Thomas G. Schattner

Deutsches Archäologisches Institut Abt. Madrid
Calle Serrano 159
28002 Madrid
España
E-mail: schattner@madrid.dainst.org

Walter Trillmich

Antiguo Director del Instituto Arqueológico Alemán
DAI Berlín
E-mail: wtrillmich@gmx.de



STVDIA
LV SITANA



JUNTA DE EXTREMADURA
Vicepresidencia Segunda, Consejería de Economía,
Comercio e Innovación
Dirección General de Universidad y Tecnología